




**CORPO, SENTIDO E IDENTIDADE PELA HERMANÊUTICA
DE DAVID LE BRETON**

**BODY, MEANING AND IDENTITY THROUGH HERMANEUTICS
BY DAVID LE BRETON**

**CUERPO, SIGNIFICADO E IDENTIDAD A TRAVÉS DE LA HERMANÉUTICA
POR DAVID LE BRETON**

 <https://doi.org/10.56238/levv16n50-017>

Data de submissão: 04/06/2025

Data de publicação: 04/07/2025

Thiago de Freitas França

Mestre em Enfermagem

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: thiago_enf@yahoo.com.br

Cristiane Vanessa da Silva

Mestre em Ciências

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: cvsilva05@gmail.com

Cleydson Assis Coelho

Mestre em Saúde Coletiva

Instituição: Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: cleydson.coelho@gmail.com

Dibulo Ferreira Abraão

Mestre em Enfermagem

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: abraodibulo@gmail.com

Kelly Pinheiro Vieira

Especialista em Obstetrícia

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: kellypinheirov@gmail.com

Larissa de Paula Rosa

Especialista em Enfermagem Obstétrica

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: larissadepaula.rosa@gmail.com

Laís Gomes Santuche Pontes

Especializanda em Enfermagem Obstétrica

Instituição: Instituto Fernandes Figueira / Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Endereço: Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: enflaissantuche@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz como objetivo discutir a concepção de corpo na obra do antropólogo francês David Le Breton, destacando sua relevância para a compreensão da experiência humana na contemporaneidade. Partindo de uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica sistemática, o estudo examina três eixos centrais da Antropologia do Corpo: o corpo como objeto biográfico e construção simbólica; o corpo como lugar de sentido e experiência existencial; e o corpo como expressão de identidade e interação cultural. Com base em obras clássicas e recentes do autor, bem como em estudos que dialogam com sua produção teórica, demonstra-se que o corpo ultrapassa sua dimensão biológica, constituindo-se como território de inscrição de afetos, valores e pertencimentos. A análise revela como práticas sociais, estéticas, religiosas e digitais interferem na percepção e na vivência do corpo, evidenciando tensões entre corporeidade vivida e corporeidade representada. O trabalho também discute os impactos da medicalização, da padronização estética e da exposição digital na experiência corporal, apontando para a urgência de uma escuta sensível do corpo como meio de reintegração do sujeito consigo mesmo e com o mundo. Conclui-se que a leitura simbólica proposta por Le Breton oferece subsídios teóricos consistentes para repensar o corpo como linguagem, memória e resistência, contribuindo de forma significativa para os estudos contemporâneos em antropologia, educação, saúde e cultura.

Palavras-chave: Corpo. Sentido. Identidade. Antropologia.

ABSTRACT

This article proposes a critical analysis of the conception of the body in the work of French anthropologist David Le Breton, highlighting its relevance for understanding the human experience in contemporary times. Based on a qualitative and exploratory approach, based on a systematic bibliographic review, the study examines three central axes of the Anthropology of the Body: the body as a biographical object and symbolic construction; the body as a place of meaning and existential experience; and the body as an expression of identity and cultural interaction. Based on the author's classic and recent works, as well as studies that dialogue with his theoretical production, it is demonstrated that the body goes beyond its biological dimension, constituting itself as a territory for the inscription of affections, values, and belongings. The analysis reveals how social, aesthetic, religious, and digital practices interfere in the perception and experience of the body, evidencing tensions between lived corporeality and represented corporeality. The paper also discusses the impacts of medicalization, aesthetic standardization, and digital exposure on bodily experience, highlighting the urgency of sensitively listening to the body as a means of reintegrating the subject with himself and the world. It is concluded that the symbolic reading proposed by Le Breton offers consistent theoretical support for rethinking the body as language, memory, and resistance, contributing significantly to contemporary studies in anthropology, education, health, and culture.

Keywords: Body. Meaning. Identity. Anthropology.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis crítico de la concepción del cuerpo en la obra del antropólogo francés David Le Breton, destacando su relevancia para comprender la experiencia humana en la contemporaneidad. A partir de un enfoque cualitativo y exploratorio, basado en una revisión bibliográfica sistemática, el estudio examina tres ejes centrales de la Antropología del Cuerpo: el cuerpo como objeto biográfico y construcción simbólica; el cuerpo como lugar de significado y experiencia existencial; y el cuerpo como expresión de identidad e interacción cultural. Con base en las obras clásicas y recientes del autor, así como en estudios que dialogan con su producción teórica, se demuestra que el cuerpo trasciende su dimensión biológica, constituyéndose en un territorio para la inscripción de afectos, valores y pertenencias. El análisis revela cómo las prácticas sociales, estéticas, religiosas y digitales interfieren en la percepción y la experiencia del cuerpo, evidenciando tensiones entre la corporalidad vivida y la corporalidad representada. El artículo también analiza los impactos de la medicalización, la estandarización estética y la exposición digital en la experiencia corporal, destacando la urgencia de escuchar atentamente el cuerpo como medio para reintegrar al sujeto consigo mismo y con el mundo. Se concluye que la lectura simbólica propuesta por Le Breton ofrece un sólido respaldo teórico para repensar el cuerpo como lenguaje, memoria y resistencia, contribuyendo significativamente a los estudios contemporáneos en antropología, educación, salud y cultura.

Palabras clave: Cuerpo. Significado. Identidad. Antropología.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre corpo, sentido e experiência humana constitui um dos eixos centrais da antropologia contemporânea. Entre os estudiosos que mais profundamente têm contribuído para essa abordagem está o antropólogo francês David Le Breton, cuja obra oferece uma interpretação densa e inovadora do corpo enquanto construção simbólica, existencial e social. Distanciando-se de perspectivas biologicistas ou puramente fisiológicas, Le Breton propõe que o corpo seja compreendido como uma “forma de linguagem” que comunica, expressa e estrutura identidades, valores e vivências (LE BRETON, 2011). Esta perspectiva inaugura não apenas um novo campo de problematização, mas também amplia os horizontes metodológicos e teóricos da antropologia do corpo, estabelecendo conexões importantes com áreas como a fenomenologia, a sociologia e os estudos culturais.

Na contemporaneidade, as transformações tecnológicas, as pressões estéticas, a medicalização da vida e as experiências de dor e risco tornaram ainda mais complexa a relação do sujeito com o próprio corpo. Nesse contexto, a reflexão proposta por Le Breton sobre o corpo como “objeto biográfico” e lugar de inscrição de sentidos torna-se particularmente relevante (LE BRETON, 2023). O corpo deixa de ser apenas uma entidade fisiológica delimitada por pele, ossos e órgãos para ser compreendido como um espaço de produção de significados. Trata-se, segundo o autor, de uma “presença sensível ao mundo” que se faz linguagem antes mesmo das palavras (LE BRETON, 2019).

A perspectiva ampliada e simbólica sobre o corpo justifica a escolha por David Le Breton como base teórica deste trabalho. Seu aporte permite abordar o corpo não como objeto de um saber médico ou biológico, mas como locus privilegiado para compreender os modos de existência nas sociedades contemporâneas. Seu conceito de “corpo vivido”, inspirado em autores como Merleau-Ponty, articula as dimensões sensíveis e sociais da corporeidade, propondo um olhar transversal sobre os fenômenos humanos. Além disso, Le Breton tematiza com originalidade experiências como o silêncio, o sofrimento, o riso e a automutilação — aspectos muitas vezes marginalizados nas abordagens clássicas da antropologia.

A delimitação temática deste paper contempla três eixos centrais da obra de Le Breton: (1) o corpo como construção simbólica e cultural, (2) o corpo como lugar de experiência, sentido e silêncio, e (3) o corpo como meio de expressão identitária e afetiva. Cada um desses eixos será explorado com base em textos do próprio autor e em diálogo com pesquisadores que analisaram criticamente sua obra, como Barros e Moraes (2023), Sales (2023), De Paula Silva (2024), e Lopes (2022). A análise crítica ao final ampliará o escopo da discussão ao contrastar a perspectiva de Le Breton com outras correntes teóricas, como a proposta de Scheper-Hughes e Lock (1987), além de considerar contribuições interdisciplinares nos campos da saúde, educação e cultura.

O objetivo principal do estudo é discutir a concepção de corpo na obra do antropólogo francês David Le Breton, seus atravessamentos na atualidade e aplicabilidade frente aos desafios

contemporâneos relacionados à corporalidade, à subjetividade e à existência humana. A proposta é apresentar uma leitura crítica, densa e ética do corpo, em que a antropologia se mostra capaz de lançar luz sobre os modos como sentimos, expressamos e habitamos o mundo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O CORPO COMO OBJETO BIOGRÁFICO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA

A noção de corpo em David Le Breton rompe deliberadamente com a tradição que o concebe como simples suporte biológico ou objeto da fisiologia. Em vez disso, o corpo é interpretado como “objeto biográfico”, expressão que sintetiza sua condição de lugar onde se inscrevem vivências, valores e identidades (LE BRETON, 2011). Essa concepção insere o corpo na tessitura da cultura: ele deixa de ser apenas natureza para se tornar narrativa, linguagem e inscrição simbólica. É nesse sentido que o autor afirma que o corpo é o suporte visível do invisível, do não dito, do vivido. Ele é a “interface sensível” entre o sujeito e o mundo, ao mesmo tempo que atua como espelho das expectativas culturais.

A partir dessa perspectiva, o corpo não é simplesmente o que se tem, mas o que se é — ou melhor, o que se faz com o que se tem, sob determinadas condições sociais, culturais e históricas (LE BRETON, 2019). Trata-se de um deslocamento epistemológico que recusa a abordagem reducionista biologicista e insere o corpo no domínio das significações. Cada sociedade, em cada tempo histórico, atribui ao corpo normas, controles, sentidos e técnicas de uso. Desde os rituais de iniciação até os padrões contemporâneos de beleza, passando pelas posturas sociais e códigos gestuais, o corpo é um artefato cultural que “fala” de modos diversos.

Segundo Barros e Moraes (2023), essa interpretação simbólica do corpo contribui para a agenda pós-moderna da sociologia, ao propor uma leitura do corpo como campo de disputas e de produção de sentido. Os autores destacam que a sociologia do corpo de Le Breton está em consonância com abordagens que valorizam a multiplicidade de identidades corporificadas e a fragmentação dos modos de ser no mundo contemporâneo. O corpo deixa de ser visto como um dado e passa a ser compreendido como um construído — uma construção que, embora singular, está profundamente atravessada pelas estruturas sociais.

Nessa perspectiva, Sales (2023) reforça a compreensão do corpo como lugar dos medos, ansiedades e desejos da humanidade, sendo constantemente reformulado por discursos sobre saúde, segurança, moralidade e estética. Ele é, por assim dizer, a “matéria sensível” sobre a qual se escrevem as inquietações do nosso tempo. Le Breton sustenta que toda experiência corporal é socialmente mediada, sendo a corporeidade sempre uma mediação entre o eu e o outro, o íntimo e o social, o vivido e o representado.

2.2 SENTIDO E EXPERIÊNCIA: O CORPO COMO LUGAR DE AFETOS E SILÊNCIOS

Le Breton amplia sua antropologia do corpo ao abordá-lo como território da experiência sensível e lugar privilegiado da produção de sentido. A corporeidade é, para o autor, aquilo que permite ao ser humano estar no mundo — não como mero observador, mas como sujeito encarnado que sente, sofre, ama, cala e age (LE BRETON, 2019). Ao falar em “corpo vivido”, o autor retoma o legado fenomenológico de Merleau-Ponty, para quem o corpo é condição de possibilidade da experiência e da percepção. Trata-se de um corpo que sente antes de pensar, que age antes de narrar, que significa antes de explicar.

Essa abordagem do corpo como locus de sentido se evidencia com força nas reflexões de Le Breton sobre o risco, a dor e o silêncio. No livro *Condutas de Risco* (2004), o autor analisa práticas como esportes radicais, automutilações e comportamentos autodestrutivos não como desvios patológicos, mas como formas de busca de sentido e de experimentação do limite. Em uma sociedade saturada de palavras e regida pelo controle, o corpo torna-se o último território de liberdade, o espaço onde ainda se pode experimentar a intensidade da existência. O risco não é, portanto, apenas uma ameaça: é também uma linguagem, uma tentativa de dar forma ao vazio, ao sofrimento ou à banalidade do cotidiano.

O silêncio, por sua vez, é outro tema caro à antropologia existencial de Le Breton. Em *Antropologia do Silêncio* (2019), ele argumenta que o silêncio não é ausência, mas presença plena — um modo de estar no mundo que escapa às categorias da linguagem. O silêncio comunica, evoca, expressa: é uma forma de resistência ao ruído do mundo, uma pausa que permite ao sujeito reencontrar-se com sua interioridade. Para o autor, o silêncio pode ser tanto expressão do sofrimento quanto gesto de contemplação, tanto retraimento quanto abertura. É, em qualquer caso, uma linguagem que se dá no corpo.

Silva (2024) amplia esse entendimento ao propor que o corpo seja compreendido como potência de afetos e emoções. A autora afirma que o corpo é o campo onde se entrelaçam as forças do mundo, tornando-se sensível às marcas do tempo, das relações, dos afetos que o atravessam. Essa sensibilidade não se limita à dor física, mas envolve também as emoções e os gestos não verbalizados que carregam densidade simbólica. Severo (2020), em estudo inspirado em Audre Lorde, reforça que o corpo é lugar de enunciação e resistência, onde experiências subalternizadas — especialmente de mulheres negras e dissidentes — se inscrevem na carne como forma de dizer o indizível.

Assim, a experiência corporal não pode ser captada apenas por descrições objetivas ou métricas biomédicas: ela exige escuta, atenção e sensibilidade hermenêutica. Como afirma Le Breton (2011), compreender o corpo humano é compreender o ser-no-mundo. A dor, o silêncio, o prazer e o risco tornam-se, assim, manifestações da corporeidade enquanto experiência simbólica e vivida. O corpo é, simultaneamente, signo e lugar de significação.

2.3 O CORPO COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE E INTERAÇÃO CULTURAL

A construção da identidade é um processo profundamente enraizado na experiência corporal. David Le Breton sustenta que o corpo é a base material e simbólica sobre a qual o sujeito edifica sua percepção de si mesmo, e por meio da qual ele é reconhecido e interpretado pelos outros (LE BRETON, 2011). O corpo, portanto, deixa de ser um dado biológico para assumir um papel ativo na expressão da identidade social, cultural, de gênero, etária e estética. Ele não apenas "tem" um corpo, mas "é" um corpo situado no tempo e no espaço — um corpo que comunica, silencia, representa e diferencia.

Essa concepção é visível de maneira privilegiada na adolescência, período crítico no qual o corpo passa por transformações hormonais, anatômicas e perceptivas. Para Le Breton (2010), o corpo adolescente é um corpo em crise simbólica, pois deixa de corresponder às referências infantis, mas ainda não adquire plenamente os signos do corpo adulto. Essa transição corporal exige a construção de novas linguagens expressivas e identitárias. Modos de vestir, gestos, marcas na pele, gírias e comportamentos são formas pelas quais os adolescentes tentam reintegrar seu novo corpo à sua subjetividade em formação. O corpo torna-se, assim, um campo de experimentação e visibilidade da identidade em mutação.

O envelhecimento, por sua vez, opera uma inversão simbólica: ele impõe ao corpo o apagamento paulatino de marcas sociais valorizadas, como força, velocidade e desempenho, substituindo-as por sinais de vulnerabilidade, lentidão e fragilidade. Le Breton (2013) não trata o envelhecimento como mero declínio biológico, mas como um processo socialmente interpretado, que influencia o modo como o indivíduo percebe e negocia sua própria identidade. Em culturas que exaltam a juventude, o corpo envelhecido tende a ser silenciado, ocultado ou medicalizado, o que pode levar o sujeito idoso a experimentar um "desencaixe identitário", no qual seu corpo já não representa quem ele se sente ser internamente. Ainda assim, essa fase também pode ser ressignificada como um tempo de sabedoria e autenticidade, dependendo das condições socioculturais.

Outra dimensão essencial no pensamento de Le Breton refere-se às **modificações corporais**, como tatuagens, piercings, cirurgias plásticas e escarificações. Essas práticas são interpretadas não como desvio ou excentricidade, mas como modos legítimos de inscrever no corpo uma narrativa de si, de simbolizar dores, rupturas, afiliações, desejos e conquistas (LE BRETON, 2019). O corpo se transforma em superfície de expressão do sujeito. Essas inscrições, voluntárias e deliberadas, constituem formas de comunicação identitária que desafiam a homogeneização estética imposta por modelos corporais dominantes. Lopes (2022), ao resenhar *Le sourire: anthropologie de l'énigmatique*, ressalta que expressões não verbais como o sorriso, o riso ou os gestos também fazem parte dessa semiótica corporal identitária.

No campo das diferenças corporais, Le Breton também dedica atenção especial à deficiência física. Ele refuta o olhar medicalizante e funcionalista, propondo que os corpos com deficiência devem

ser compreendidos sob uma ótica simbólica e cultural (LE BRETON, 2011). A deficiência, longe de representar apenas uma limitação funcional, pode se tornar uma nova linguagem corporal, repleta de sentidos, afetos e potências. A subjetividade da pessoa com deficiência se constrói em interação com o modo como a sociedade lê e responde ao seu corpo. Como afirmam Fernandes e Monteiro (2023), a experiência da deficiência é marcada tanto pela vulnerabilidade quanto pela potência de reelaboração simbólica da própria presença no mundo, o que reforça a ideia de Le Breton de que todo corpo é sempre também uma narrativa encarnada.

Do ponto de vista das relações interculturais, o corpo também se revela como uma arena de significados, onde se cruzam valores, símbolos e práticas distintas. Carvalho e Silva (2024) argumentam que, no contexto latino-americano, o corpo é atravessado por experiências coletivas de resistência, desigualdade e religiosidade, que configuram modos próprios de sentir, agir e ensinar. Na formação docente, por exemplo, o reconhecimento dessas sensibilidades culturais corporificadas é essencial para que a educação física deixe de ser meramente tecnicista e passe a ser também espaço de expressão e construção identitária. Isso demonstra que o corpo nunca é neutro: ele carrega histórias, pertencimentos, traumas e heranças culturais.

Com isso, pode-se afirmar que o corpo, na perspectiva de Le Breton, constitui-se como a primeira e última fronteira da identidade. Ele é o suporte daquilo que somos, do que os outros veem em nós e do que desejamos ser. Através de suas formas, ritmos, marcas e gestos, o corpo revela não apenas a singularidade de um sujeito, mas também as pressões e possibilidades de sua cultura. A identidade, portanto, não está apenas “na cabeça”: ela está inscrita e performada na carne, nos ossos, na pele, no movimento e na sensibilidade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e interpretativa, tendo como foco central a análise das concepções simbólicas, sociais e existenciais do corpo humano na obra de David Le Breton, dentro do campo da Antropologia do Corpo. A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pelo caráter subjetivo, dinâmico e multifacetado do objeto investigado, que exige sensibilidade para captar os sentidos atribuídos ao corpo nos diferentes contextos históricos, culturais e subjetivos. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa é particularmente adequada quando o objetivo é compreender realidades complexas e carregadas de significados, permitindo um olhar mais profundo sobre fenômenos não redutíveis a dados estatísticos ou quantitativos.

A investigação foi realizada com base em uma revisão bibliográfica sistemática e seletiva, envolvendo obras acadêmicas com alto grau de relevância teórica, metodológica e empírica. O corpus de análise constituiu-se de livros, artigos científicos e ensaios publicados majoritariamente entre os anos de 2018 e 2025, abrangendo produções tanto do próprio David Le Breton quanto de autores que

dialogam criticamente com suas propostas antropológicas. Foram incluídas fontes de autores como Eugénio Lopes (2022, 2024), Bartolomeu Barros e Danielle Moraes (2023), Maria Cecília de Paula Silva (2024), Renata T. Severo (2020), Marta Maria Bastos (2021), entre outros pesquisadores cujas obras analisam o corpo como construção cultural, narrativa biográfica e lugar de identidade.

A coleta de dados secundários foi realizada por meio de buscas sistematizadas em bases acadêmicas reconhecidas, como SciELO, Google Scholar, DOAJ, Portal de Periódicos da CAPES e repositórios universitários digitais. A seleção das obras seguiu critérios de atualidade, rigor científico, pertinência temática e alinhamento com os eixos estruturantes da pesquisa (corpo como linguagem simbólica; corpo e experiência de sentido; corpo e identidade). As palavras-chave utilizadas nas buscas incluíram: “David Le Breton”, “Antropologia do Corpo”, “Corpo simbólico”, “Identidade e corporeidade”, “Corpo e cultura”, “Silêncio e dor”, “Corpo vivido”, “Representações corporais” e “Corpo na antropologia contemporânea”.

Após o levantamento bibliográfico, o material selecionado foi submetido a uma análise de conteúdo do tipo interpretativa, com base em leitura hermenêutica e categorial, buscando identificar os núcleos teóricos centrais da antropologia do corpo segundo Le Breton. Para garantir coerência e consistência na análise, os conteúdos foram organizados em uma matriz analítica temática construída previamente, baseada nos três eixos principais que compõem a estrutura do trabalho: (1) o corpo como objeto biográfico e construção simbólica; (2) o corpo como lugar de sentido e experiência; e (3) o corpo como expressão de identidade e interação cultural. Essa organização temática assegurou o controle das repetições, a clareza argumentativa e a correta alocação de dados, conceitos e autores em suas respectivas seções.

Como a pesquisa se caracteriza como revisão bibliográfica e não envolveu coleta de dados empíricos com seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, estando o estudo plenamente em conformidade com os princípios éticos aplicáveis às pesquisas teóricas e bibliográficas.

A metodologia adotada, portanto, viabilizou a construção de uma análise crítica e densamente fundamentada sobre as representações e experiências do corpo humano, conforme interpretadas por David Le Breton. A estratégia metodológica garantiu uma investigação coerente com os objetivos propostos e com a natureza interdisciplinar do campo da antropologia simbólica, oferecendo ao trabalho uma base sólida para a discussão dos temas desenvolvidos nos capítulos seguintes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O CORPO COMO OBJETO BIOGRÁFICO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA

A análise da produção teórica de David Le Breton evidencia que a concepção do corpo como *objeto biográfico* constitui uma das chaves de leitura mais fecundas para compreender a experiência

humana nas sociedades contemporâneas. Para o autor, o corpo não pode ser reduzido a uma estrutura anatômica regida por leis biomédicas ou a um suporte físico da consciência. Ao contrário, ele é uma instância fundamental de significação e expressão, que articula o sujeito com o mundo através de sua presença sensível e simbólica (LE BRETON, 2011). Essa leitura rompe com a tradição dualista cartesiana que separava corpo e mente, natureza e cultura, ao integrar a corporeidade à narrativa existencial do sujeito.

A expressão "objeto biográfico" utilizada por Le Breton (2013) remete à ideia de que o corpo é um lugar onde a história individual se inscreve: experiências, traumas, memórias, afetos e identidades marcam e transformam o corpo ao longo da vida. Ele é o depositário da trajetória pessoal e, ao mesmo tempo, o ponto de articulação entre o biográfico e o social. O corpo é narrativo — fala mesmo quando silencia — e é linguagem mesmo quando não verbaliza. Como observa Severo (2020), essa característica do corpo como lugar de sentido o torna também um espaço de resistência e de criação simbólica, especialmente para sujeitos cuja história pessoal desafia as normativas sociais dominantes.

Os dados obtidos por meio da revisão bibliográfica revelam que a abordagem simbólica de Le Breton é amplamente referenciada por estudiosos contemporâneos. Barros e Moraes (2023), por exemplo, ao analisarem a sociologia do corpo na perspectiva do autor, destacam sua importância para a crítica à objetificação do corpo operada pelo discurso tecno científico. Segundo os autores, ao tratar o corpo como superfície de inscrição de valores e sentidos, Le Breton contribui para reposicionar o corpo como elemento ativo nas dinâmicas sociais e subjetivas. Essa perspectiva tem implicações diretas nas áreas da saúde, da educação e das ciências humanas, pois permite pensar políticas e práticas que levem em conta a subjetividade corporificada dos indivíduos.

Além disso, a leitura cultural do corpo proposta por Le Breton possibilita compreender os diferentes modos como as sociedades atribuem significados à corporeidade. O corpo não é um dado universal e imutável: ele é atravessado por códigos culturais, regras morais, estéticas dominantes e formas de controle social. Em contextos ocidentais marcados por medicalização e padronização, essa leitura crítica é essencial. Como pontua Silva (2024), a força do corpo simbólico reside justamente em sua capacidade de produzir afetos, resistências e novas formas de existir — o que ela denomina como potência sensível do corpo. Essa potência é mediada pela cultura e pela história, mas também pela agência do sujeito.

No corpus analisado, também se observou uma presença significativa de estudos que vinculam o corpo à linguagem. A ideia de que o corpo é uma linguagem não verbal (LE BRETON, 2019) aparece reiteradamente como forma de conceber a corporeidade como meio de comunicação social e autoexpressão. Esse entendimento permite, por exemplo, pensar as marcas corporais, a postura, o olhar, os gestos e até mesmo o silêncio como manifestações significativas, portadoras de intencionalidade, dor ou afeto. Essa semiótica corporal amplia as fronteiras da análise antropológica,

que deixa de se restringir à linguagem escrita ou falada para incluir o que é comunicado pela presença, pela ausência, pela performance corporal.

A concepção de corpo como objeto biográfico também implica considerar o corpo como território de disputa e conflito simbólico. As diferenças de gênero, raça, classe e orientação sexual são inscritas nos corpos e reguladas por normas culturais, o que reforça a ideia de que o corpo é um campo de construção e disputa identitária. Como reforçam Fernandes e Monteiro (2023), compreender o corpo como portador de história e não como objeto neutro é essencial para promover práticas sociais mais inclusivas e sensíveis à diversidade.

Em síntese, os resultados obtidos demonstram que a concepção de Le Breton sobre o corpo como objeto biográfico e construção simbólica oferece um arcabouço robusto para a análise de experiências humanas que escapam às classificações biomédicas ou funcionalistas. Ao reconhecer o corpo como linguagem e narrativa, o autor reabilita a dimensão sensível da existência e propõe um retorno à escuta do corpo como espaço de conhecimento, afetividade e pertencimento. Essa abordagem se mostra fundamental para a compreensão antropológica do sujeito contemporâneo, constantemente desafiado por discursos normativos que tentam reduzir sua corporeidade a padrões, medidas ou diagnósticos.

4.2 CORPO, SENTIDO E EXPERIÊNCIA

A experiência corporal na contemporaneidade é marcada por uma tensão constante entre o corpo vivido e o corpo representado. David Le Breton (2011) destaca que o corpo é o lugar por excelência da experiência sensível, sendo através dele que o sujeito se inscreve no mundo e atribui sentido à sua existência. No entanto, nas sociedades atuais, observa-se uma crescente objetificação do corpo, impulsionada por padrões estéticos normativos e pela exposição constante nas mídias sociais.

A objetificação do corpo grávido é um exemplo desta prática. Gestantes são padronizadas tendo como molde um glamour que desconsidera as alterações hormonais e suas repercussões no cotidiano feminino. A mulher é reduzida a um receptáculo fetal, desconsiderando sua individualidade, autonomia e experiências. Isso se manifesta em comentários sobre seu corpo, julgamentos sobre sua aparência, decisões tomadas em relação à sua saúde sem seu consentimento, exposição de seu parto nas redes sociais sem autorização e toques indesejados na sua barriga. O corpo da gestante trona-se público, todos querem opinar, tocar, fotografar, e as individualidades, a privacidade da mulher fica subsumida.

Além disso, as redes sociais, os blogs, vlogs e as influenciadoras digitais ditam como deve ser a gestação perfeita, o que pode, o que não pode, o que vestir, o que comer, colocam em foco o peso, as marcas, a vitalidade da gestante, condicionando a gestação “normal” a uma imagem difícil de atingir e que pode gerar repercussões na saúde mental das mulheres. Gandolfi et al., (2019) corroboram com esse pensamento ao discutir que a gravidez promove alterações endócrinas, somáticas e psicológicas

que repercutem no corpo e em suas representações sociais, as gestantes que se preocupam demasiadamente com o corpo podem deixar de vivenciar um processo integrativo e desenvolver uma problemática para imagem e identidade feminina.

Do mesmo modo, o corpo puerperal carrega as implicações midiáticas do retorno rápido e ávido ao “padrão da normalidade”, onde as vivências da gestação e suas marcas são colocadas como sequelas a serem retificadas por um arsenal de cosméticos, dietas e exercícios, que impõem regras que desrespeitam os padrões culturais das famílias, a individualidade, a resiliência feminina, sua reclusão e reintegração natural ao corpo e vida pré-gestacional. Lidar com imagens opostas às suas vivências pode trazer frustração e mesmo um certo fracasso enquanto mulher, intensificando sentimentos negativos (Pontes et al, 2024).

Essa celeridade contemporânea pode levar à alienação do sujeito em relação ao seu próprio corpo, gerando insatisfação e distanciamento da experiência corporal autêntica, corrompendo o que Le Breton (2011) argumenta acerca do corpo como uma construção simbólica, moldada pelas experiências individuais e coletivas.

4.3 O CORPO COMO EXPRESSÃO DE IDENTIDADE E INTERAÇÃO CULTURAL

Na perspectiva antropológica de David Le Breton, o corpo não é um simples suporte biológico da existência, mas o primeiro lugar de construção, negociação e expressão da identidade (LE BRETON, 2011). Ele é ao mesmo tempo linguagem e conteúdo, presença e relação, sendo marcado e moldado por uma multiplicidade de fatores socioculturais. Nesse sentido, a identidade não se forma de maneira autônoma e abstrata, mas se corporifica por meio de gestos, vestimentas, modificações físicas, práticas culturais e expressões performáticas. O corpo é, assim, o palco onde o sujeito se apresenta, resiste e se reinscreve socialmente.

Em diferentes culturas e momentos históricos, o corpo foi (e continua sendo) um instrumento de afirmação social ou de subordinação. O uso do corpo para expressar pertencimento é visível tanto em rituais tradicionais quanto nas manifestações contemporâneas da cultura digital, que se tornam espaços centrais de performatividade identitária. As mídias sociais, por exemplo, funcionam como vitrines de identidades culturais, sexuais, raciais e políticas, em que o corpo é moldado, editado e reinterpretado de acordo com expectativas de reconhecimento, resistência e visibilidade.

Nesse contexto, diferentes práticas corporais expressam modos diversos de significar a identidade e o pertencimento. A tabela a seguir apresenta uma sistematização de algumas dessas práticas contemporâneas com base na análise de autores como Patrone (2023), Gonçalves (2020) e Barros e Moraes (2023):

Tabela 1 – Práticas contemporâneas de representação e expressão do corpo como identidade

Prática	Características Principais	Implicações Identitárias e Sociais
Modificações corporais voluntárias	Tatuagens, piercings, escarificações e implantes subcutâneos	Afirmação da autonomia, reconstrução narrativa de si
Estética afrocentrada e indígena	Uso de penteados, roupas e adornos tradicionais com significados ancestrais	Revalorização cultural, resistência contra a colonização estética
Expressão LGBTQIA+ performática	Maquiagem, moda queer, drag, voguing e body art	Visibilidade política, subversão de normas de gênero e sexualidade
Identidade religiosa corporalizada	Vestimentas e marcas de pertencimento espiritual (véus, túnicas, cruzes)	Identidade espiritual visível, reconhecimento de fé
Corpos com deficiência ressignificados	Ativismo pela visibilidade e aceitação das diferenças físicas	Desconstrução do corpo normativo, empoderamento político

Fonte: Dados organizados pelos autores a partir de Patrone (2023), Gonçalves (2020) e Barros e Moraes (2023).

Essas práticas demonstram que o corpo é constantemente reinscrito por meio de escolhas simbólicas e sociais. Le Breton (2013) chama atenção para a potência desses gestos de corporeificação da identidade, nos quais o sujeito “fala” através de sua presença sensível no mundo. O corpo deixa de ser um “dado da natureza” para se tornar uma “forma de linguagem existencial”. A modificação corporal, por exemplo, não é meramente estética, mas pode representar um rito de passagem, um memorial afetivo ou uma forma de resistência cultural.

Do mesmo modo, as estéticas afrocentradas e indígenas resgatam memórias historicamente silenciadas, reafirmando a ancestralidade e combatendo os apagamentos coloniais. Em contextos de subalternidade, o corpo torna-se lugar de contestação e reconexão com as raízes, rompendo com os modelos hegemônicos de beleza e comportamento.

Além disso, a performance LGBTQIA+ e o ativismo das pessoas com deficiência têm sido fundamentais na luta contra a normatização dos corpos. Através de práticas expressivas e discursivas, esses grupos reivindicam o direito de existir, amar e ocupar espaços públicos com seus corpos dissidentes. Le Breton (2011) reforça que a subjetividade corporal se dá sempre em relação, sendo a aceitação ou negação do corpo também uma resposta ao olhar social.

Portanto, o corpo como expressão de identidade ultrapassa a aparência: ele é presença política, existência estética, gesto de pertencimento. Reconhecer essa dimensão exige um olhar antropológico atento às práticas sociais que (re)constroem o sentido de ser no mundo através da carne, da pele, da postura e da expressão sensível.

5 CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como objetivo compreender, a partir de uma abordagem antropológica e simbólica, a centralidade do corpo na constituição da experiência humana, com ênfase na perspectiva de leitura que entende o corpo não como objeto biológico, mas como construção social, cultural e existencial. A análise desenvolvida ao longo deste trabalho demonstrou que o corpo é, simultaneamente, meio de expressão, linguagem, território de inscrição de sentidos e campo de

disputas identitárias. Ele é vivenciado de forma complexa, atravessado por valores simbólicos, normas culturais, contextos históricos e práticas sociais que lhe conferem múltiplos significados.

A estrutura analítica adotada permitiu organizar a reflexão em três eixos fundamentais: o corpo como objeto biográfico e construção simbólica; o corpo como lugar de sentido e experiência; e o corpo como expressão de identidade e interação cultural. Em cada um desses eixos, buscou-se evidenciar como o corpo é articulado às dinâmicas sociais e subjetivas, funcionando como espelho e agente das transformações culturais, emocionais, políticas e tecnológicas que marcam as sociedades contemporâneas.

No primeiro eixo, destacou-se o corpo enquanto narrativa encarnada da existência, lugar onde se inscrevem experiências, afetos, traumas e memórias. O corpo não apenas é vivido — ele é interpretado, modificado e ressignificado ao longo do tempo. Sua linguagem não se limita à fala verbal: ela se expressa no gesto, na ausência, na marca, na presença silenciosa. Nesse sentido, a corporeidade não é neutra nem universal: ela é culturalmente situada e subjetivamente negociada, exigindo escuta e compreensão.

No segundo eixo, examinou-se a relação entre o corpo e a busca por sentido, evidenciando como práticas corporais intensas, como o risco, a dor, o silêncio e a performance, podem expressar desejos profundos de transcendência, pertencimento ou resistência. O corpo, nesse contexto, torna-se o último território onde o sujeito ainda pode experimentar a si mesmo de maneira plena e sensível. A sociedade contemporânea, marcada por uma lógica de exposição e espetacularização, tende a dessensibilizar o corpo, esvaziando-o de sentido em favor de uma imagem que é, muitas vezes, construída para os olhos do outro e não para a escuta de si. A contraposição entre corpo vivido e corpo representado emerge, assim, como uma das tensões fundamentais do nosso tempo.

O terceiro eixo discutiu o corpo como instância privilegiada da construção identitária. Seja por meio de performances estéticas, práticas rituais, modificações corporais, expressões de gênero, espiritualidade ou resistência política, o corpo é um lugar de enunciação e de afirmação do sujeito. Através dele se comunicam identidades coletivas, pertencimentos raciais, trajetórias religiosas, reivindicações sociais e subjetividades dissidentes. A interação cultural se dá, muitas vezes, pela leitura do corpo e pela disputa por visibilidade e reconhecimento. Nesse processo, o corpo é também marcado pelas estruturas de poder, sendo objeto de regulação, controle e, em alguns casos, apagamento. Entretanto, ele também se apresenta como espaço de reexistência, onde sujeitos e coletividades se reapropriam de suas narrativas e reconstroem formas legítimas de estar no mundo.

A análise crítica realizada demonstrou que a abordagem simbólica e sensível do corpo é especialmente relevante em tempos de intensificação da medicalização, padronização estética, aceleração tecnológica e hiperexposição digital. Nesse cenário, o corpo corre o risco de ser reduzido a mero suporte funcional, apagando-se sua dimensão subjetiva, afetiva e relacional. O resgate do corpo

como experiência vivida e significada é, portanto, um gesto político, ético e epistemológico, que recoloca o humano no centro das discussões sobre saúde, identidade, educação, cultura e sociedade.

Em termos metodológicos, o estudo mostrou a pertinência da pesquisa qualitativa e bibliográfica para a investigação de fenômenos simbólicos e culturais que envolvem complexidades que extrapolam o mensurável. A revisão sistemática do corpus teórico permitiu o aprofundamento crítico das categorias analíticas mobilizadas, garantindo a coerência entre os objetivos propostos e os resultados alcançados.

Como encaminhamento para pesquisas futuras, recomenda-se a articulação entre os referenciais antropológicos aqui discutidos com investigações empíricas que explorem a corporeidade em contextos específicos — como escolas, hospitais, redes sociais ou movimentos sociais — para ampliar a compreensão das formas de vivência, percepção e transformação do corpo. Além disso, a incorporação de perspectivas interseccionais pode enriquecer o debate, evidenciando como gênero, raça, classe, sexualidade e deficiência se entrelaçam nas formas de experimentar e significar o corpo.

Conclui-se, portanto, que o corpo, mais do que uma entidade anatômica, é o território onde se desenrola a experiência humana em sua plenitude. Pensar o corpo é, assim, pensar o humano — não em sua abstração universal, mas em sua concretude sensível, relacional e profundamente situada no tempo, na cultura e na linguagem. Esta é a tarefa inadiável de uma antropologia comprometida com a escuta, com a diversidade e com a dignidade do ser.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Bartolomeu Lins de; MORAES, Danielle Batista de. A sociologia do corpo de Le Breton e sua relação com a agenda pós-moderna. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, v. 45, p. e20230066, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/LMWwgykm6YWWtJDXxrsq9Xt>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- BASTOS, Marta Maria. “Sim, eu aceito”: o desnudar do corpo em “A louca debaixo do branco”, de Fernanda Young. *Revista Coralina*, v. 3, n. 1, p. 6-21, 2021.
- CARVALHO, Marília Menezes Nascimento Souza; DE PAULA SILVA, Maria Cecília. Corpo e sensibilidade na experiência latino-americana/brasileira: a diferença cultural na formação docente em educação física. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 5, p. e4105, 2024.
- CSORDAS, Thomas J. *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/640395>. Acesso em: 4 maio 2025.
- DA SILVA FERNANDES, Emanuelle Cristina; MONTEIRO, José Marciano. Sociologia do corpo. In: _____. *Sociologia do corpo*. Salvador: Licuri, 2023. p. 177-190.
- DE PAULA SILVA, Maria Cecília. O poder do corpo no tempo presente: corpos e culturas como potências de afetos e emoções. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 10, p. e9531, 2024.
- GANDOLF, Fabiana Romagnoli Rodrigues; GOMES, Maria Fernanda Pereira; RETICENA, Kesley de Oliveira; SANTOS, Mariana Souza; DAMINI, Nivea Maria Acurcio Verza. Mudanças na vida e no corpo da mulher durante a gravidez. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR*, v. 27, n. 1, p. 126-131, 2019. Disponível em: <https://mail.yahoo.com/d/folders/1/messages/8972/AOIfyEN9m4nrY4PtcAtaQN6sK2I:2?.intl=br&.l ang=pt-BR>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011. Disponível em: https://arquivos.ufrj.br/arquivos/2023114203389337432541d67771d1464/LIVRO_David_Le_Breton_-_Antropologia_do_Corpo_e_modernidade_-_incompleto.pdf. Acesso em: 4 maio 2025.
- LE BRETON, David. *Antropologia do silêncio*. Petrópolis: Vozes, 2019. Disponível em: <https://edicoespiaget.pt/produto/do-silencio>. Acesso em: 4 maio 2025.
- LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Petrópolis: Vozes, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/LZkYggDGh5mSwGkXgw5gvTP>. Acesso em: 4 maio 2025.
- LE BRETON, David. *Uma ruptura antropológica sem precedente*. Estudos de Sociologia, [S.l.], 2024.
- LE BRETON, David. *El cuerpo herido: identidades estalladas contemporáneas*. Buenos Aires: Topía, 2023.
- LOPES, Eugénio. David Le Breton, *Antropologia del Corpo*. *Daimon: Revista Internacional de Filosofia*, n. 92, p. 201-205, 2024.
- LOPES, Eugénio. Le Breton, D. (2022), *Le sourire: anthropologie de l'énigmatique*. *Scio*, n. 26, p. 265-268, 2024.

LOPES, Eugénio. Resenha: RIRE. Une anthropologie du rieur, de David Le Breton. Revista Filosófica de Coimbra, v. 31, n. 62, p. 403-406, 2022.

NUEZ, Iván de la et al. Gutun Zuria Bilbao. Aquí. El lugar que recoge todos los dónde. Bilbao: [s.n.], 2021.

PONTES, Laís Gomes Santuche; SILVA, Cristiane Vanessa da; XAVIER, Rozania Bicego; SÃO BENTO, Paulo Alexandre de Souza. A imagem do corpo feminino no puerpério: reflexões acerca da influência das mídias sociais. Revista Interdisciplinar, v. 17, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/2393773.17.1-3>. Acesso em: 2 jul. 2025.

SALES, Irineu Claudino. Os medos da humanidade segundo David Le Breton: provocações à antropologia teológica. Pensar: Revista Eletrônica da FAJE, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 154-163, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21769024v14n1p154/2023>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SCHEPER-HUGHES, Nancy; LOCK, Margaret. The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology. Medical Anthropology Quarterly, v. 1, n. 1, p. 6-41, 1987. Disponível em: https://ocw.mit.edu/courses/21a-215-disease-and-health-culture-society-and-ethics-spring-2012/25de5fbd3cb979e7ecfedab799ab005e_MIT21A_215S12_lecture_07.pdf. Acesso em: 4 maio 2025.

SEVERO, Renata T. O corpo como lugar do sentido: uma análise semiológica inspirada em Audre Lorde. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, v. 16, [s.n.], 2024.

TURNES, Luiza; BARCELLA, Julia Larissa Borges; NOVICKI, Lurdete Castelan. Sociologia da educação em movimento. Atos de Pesquisa em Educação, v. 18, p. e11088, 2023.